

Rubem Braga

EM FLORENÇA, 17 ANOS DEPOIS...

SÃO 17 anos passados, Grazie Maria deve estar com 24, 25 anos. Pode muito bem ser uma dessas duas jovens que passam pela rua com seus namorados, rindo alto. Sua mãe deve estar com 46 ou 47 anos. Lembro suas tranças negras, seus 29 anos de músculos tensos e o sorriso de dentes muito brancos na boca de talhe amargo. Há mais de quatro anos não tinha notícia do marido, oficial em missão junto ao Governo da Albânia. Talvez tivesse morrido, talvez lutasse ao lado dos alemães. Mostrou-me uma fotografia desse marido em uniforme de gala; ela estava ao seu lado em vestido de baile, a moça do outro lado era irmã do Rei da Albânia, numa recepção nessa pequena corte de opereta que Mussolini destruíra numa sexta-feira da Paixão.

Não, não quero ver essa senhora que marcha para os 50 anos, nem quero que ela me veja. Vou demorar em Florença apenas dois dias e nem sequer procuro localizar o hotel dos pracinhas, o hotel dos oficiais, o clube dos brasileiros, nada de nossa Florença de 1944 e 1955. Sei muito bem que na Piazza S. Maria Novella não seria muito difícil localizar uma ruazinha que sai à esquerda de quem vem do lado do rio. Não guardo o nome nem o número das coisas, mas guardo o rumo; sei que acertaria esse casarão a uns 30 metros da praça, na calçada esquerda. Lembro a escada escura, um certo nome da família escrito numa placa na parede e a onda de perfume francês em que ela apareceu envolta — um último frasco, me disse, de *primo la guerra*, que naquela tarde resolvera usar. Perguntou-me se lá fora o tempo estava muito ruim, se fazia frio. Respondi que fazia sol. E anunciei-lhe gravemente, oficialmente, na minha qualidade de correspondente de guerra vindo há meia hora da *front*, esta coisa espantosa: chegara a

primavera. Riu. Mas haveria de chorar mais tarde de emoção, de alegria, quando atravessávamos a Ponte Vecchio em um carro puxado a cavalo. Eu mandara embora o jipe, alugara aquele carro e voltara até sua casa para apanhar Grazie Maria. A menina saltava de contente, dizia que queria ir lá em cima, do outro lado, e ela explicou ao cocheiro: Piazzale Michelangelo...

Deve estar bem mais bonito que naquela tarde, o *piazzale* de hoje. Havia um agrupamento de jipões, o chão estava imundo de óleo. Ruídos de motores e vozes de soldados, fios de telefone. Da balaustrada nós víamos a cidade marcada pela guerra, com suas pontes destruídas, mas ainda bela com suas cúpulas, suas torres, suas colinas e seu rio. No fundo, os Apeninos ainda estavam cobertos de neve, mas na planura que vai para Pistóia, nos campos onde as primeiras flôres surgiam, na brisa que passava já era primavera, a primavera terrível, a que deveria ser coberta de sangue na frente da Itália, em tantos lugares da Europa e do mundo, a primavera assassina e cruel, mas definitiva — o fim daquele interminável pesadelo da guerra.

Ficamos graves um momento, olhando a cidade. Mas Grazie Maria, a carinha lambuzada de chocolate que eu lhe dera, gritava e saltava de alegria.

Talvez ela se lembre vagamente daquele *capitano* amigo de sua mãe, naquela tarde de um abril remoto. Talvez seja uma dessas moças belas que passam ao lado de seus namorados, rindo alto, entre o ruído dos carros e das motonetas, nesta rua de Florença de 1961, onde eu sou um senhor de muitos cabelos brancos, algumas lembranças, certas decepções e melancolias, mas nenhuma verdadeira amargura.